

Violência entre irmãos: Uma realidade desconhecida

Inês Carvalho Relva¹

Universidade de Coimbra; Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal

Otilia Monteiro Fernandes

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal

Madalena Alarcão

Universidade de Coimbra, Portugal

Resumo

Este é um artigo de revisão da literatura sobre a violência entre irmãos. Embora seja um tema pouco abordado na literatura científica, alguma investigação tem demonstrado que merece mais atenção, dada a sua elevada prevalência e perigosidade. Identificam-se alguns conceitos que têm sido associados a esta problemática e apresentam-se diversos estudos que apontam para a sua elevada ocorrência, bem como os fatores de risco que têm sido sugeridos para explicar esta forma de violência. Fizemos, ainda, uma descrição das várias definições dos diferentes tipos de violência (e.g., violência física, violência psicológica e abuso sexual) e analisámos o seu impacto.

Palavras-chave: irmãos, violência psicológica, violência física, abuso sexual, fatores de risco, impacto psicológico.

Violence between siblings: An unknown reality

Abstract

This article is a review of the literature on sibling violence. Although it is a subject rarely discussed in scientific literature, some research has shown that deserves more attention, given its high prevalence and dangerousness. We have identified some concepts that have been associated with this issue, and presented several studies that point to its high occurrence and risk factors that have been suggested to explain this violence. We, also, do a description of the various definitions of different types of violence (e.g., physical violence, psychological violence and sexual abuse) and analyzed their impact.

Keywords: siblings; physical violence; psychological violence; sexual abuse; risk factors; psychological impact.

A violência na família constitui um grave fenómeno social. Trata-se de um fenómeno de difícil estudo, até pela ressonância que desperta em cada pessoa (Alarcão, 2000). Nos últimos anos, tem-se assistido à divulgação mediática de casos de violência contra mulheres e contra crianças, perpetrada pelos progenitores ou outros familiares (Relva, 2005). Porém, raros são os casos em que a violência exercida pelos próprios irmãos é mediatizada, apesar da importância que o subsistema fraternal assume no sistema familiar (Fernandes, 2002). O presente artigo pretende fazer uma revisão da literatura acerca da violência entre irmãos, procurando indicar a sua prevalência, principais causas, tipos de violência e consequências, a curto e a longo prazo, para as vítimas.

Definição de violência entre irmãos

Diversos autores (e.g., Eriksen & Jensen, 2009; Kettrey & Emery, 2006) têm levantado a questão da ambiguidade que rodeia a investigação no âmbito da violência entre irmãos. Nomeadamente, parece difícil delimitar o que é supostamente “normal” de comportamentos considerados desadequados. Uma simples revisão da literatura permite compreender que a confusão começa, desde logo, na terminologia: os termos **abuso** (e.g., Green, 1984; Wiehe, 1997), **violência** (e.g., Felson, 1983; Goodwin & Roscoe, 1990; Graham-Bermann, Cutler, Litzenberger, & Schwartz, 1994), **agressão** (e.g., Duncan, 1999; Felson, 1983), **conflito** (e.g., Garcia, Shaw, & Yaggi, 2000; Martin & Ross, 2005), **rivalidade** (e.g., Leung & Robson, 1991) e **bullying** (e.g., Duncan, 1999) são, muitas vezes, utilizados de forma indiscriminada para designarem os mesmos comportamentos, tornando pouco clara a delimitação daquilo que realmente é violência. Tenta-se, de seguida,

¹ Correspondence about this article should be address to Inês Carvalho Relva. Email: irelva@utad.pt

alguma clarificação destes conceitos.

O **abuso** entre irmãos foi descrito como qualquer forma de abuso físico, psicológico ou sexual infligido por um irmão a outro irmão (Haskins, 2003). Também Dekeseredy e Ellis (1997) definiram **violência** física entre irmãos como um comportamento intencional infringido por uma criança a outra. O abuso incluiria, para além da violência física, a psicológica e a sexual, enquanto o comportamento violento designaria apenas o comportamento fisicamente violento. Caffaro e Conn-Caffaro (1998) consideraram que um dado comportamento, ao ser danoso para a vítima, o colocaria na esfera da violência e não da rivalidade. Mais de uma década depois, Eriksen e Jensen (2009) explicaram que a agressão entre irmãos consistiria em formas mais ligeiras (e.g., ameaçar ou bater com alguma coisa, empurrar ou agarrar) enquanto as formas mais severas da agressão (e.g., ameaçar usar ou usar uma arma ou faca, espancar) consubstanciariam violência entre irmãos. Em 2008, mas já na Europa, Khan e Cooke escreveram que a violência severa entre irmãos seria um “ato intencional de violência física perpetrado por um irmão contra outro irmão (biológico, meio-irmão, adotado ou por afinidade) no qual o papel de perpetrador se distingue do de vítima ao ameaçar de violência grave e/ou agressão com armas potencialmente letais, como objetos pesados, afiados, armas e facas” (p. 3).

O **conflito** pode ser construtivo, envolvendo emoções positivas, negociação e resultados mutuamente satisfatórios, ou destrutivo, envolvendo malevolência, agressão física, afeto negativo, coerção e resultados insatisfatórios (Vandell & Bailey, 1992). Bank e Kahn (1997) chegaram mesmo a defender cinco aspetos “positivos” da **agressão** entre irmãos, nomeadamente: o contacto agressivo entre eles pode ser reconfortante durante o tempo em que os pais estão indisponíveis; forçam as crianças a um laboratório onde podem aprender a gerir e a resolver os conflitos e a desenvolver competências, moral, coragem e criatividade; ensinam competências que podem ser usadas noutros relacionamentos; promovem sentimentos de lealdade e permitem dirigir a agressividade para um alvo mais apropriado. Pelo contrário, na **violência** entre irmãos, um dos irmãos toma claramente o papel de agressor na relação com outro (Kiselica & Morrill-Richards, 2007). Assim sendo, os conflitos parecem ser normais, embora quase sempre passageiros e contornáveis, até porque os irmãos são constrangidos a aturarem-se e, sobretudo, a amarem-se, mesmo que sintam o contrário (Fernandes, 2002).

A **rivalidade** existe na maioria, senão em todas as famílias (Dunn, 1983). Apesar de este conceito ser frequentemente usado, defini-lo e compreendê-lo é mais difícil do que parece (Mackey, Fromuth, &

Kelly, 2010). Tradicionalmente definida em termos de ordem de nascimento e competição, a rivalidade é frequentemente considerada como um problema de ressentimento, de um irmão mais velho em relação ao irmão mais novo, por este lhe ter roubado a atenção dos pais (Felson, 1983), ser mais protegido e mais amado e ter mais privilégios (Autotte, Deangelis, & Howard, 1984), pelo menos na perspectiva do irmão mais velho. Para Taylor (1988), a rivalidade é definida como a competição, entre os irmãos, por amor, afeto e atenção de um ou de ambos os pais. Esta definição não coloca em evidência a ordem de nascimento, mas sim a competição por algo que ambos desejam. Pelo contrário, a violência ou o abuso entre irmãos consiste num padrão repetido de agressão com o intuito de magoar (Caspi, 2012). Essa agressão tem por objetivo fazer com o que o outro irmão se sinta humilhado e indefeso, reforçando deste modo uma solidificação dos papéis, quer de vítima quer de agressor. Podemos então dizer que a rivalidade entre irmãos pode progredir para o abuso entre irmãos.

Finalmente, um conceito que só recentemente tem sido associado à violência entre irmãos é o de **bullying**. Este termo refere-se ao conjunto de comportamentos agressivos, intencionais e repetidos, adotados por alguém contra pessoas física ou psicologicamente mais vulneráveis, sobretudo em contexto escolar (Academia das Ciências de Lisboa, 2011). Etimologicamente, deriva da palavra holandesa *Boel*, que, curiosamente, significa “amante, irmão”. Existem diversas definições, mas a maioria dos autores concorda que é um ato que tem por intenção magoar, que ocorre frequentemente e em que existe uma relação desequilibrada de poder entre o agressor e a vítima (Farrington, 1993). O *bullying* inclui abuso físico (e.g., bater, dar socos), abuso psicológico (e.g., ameaçar, gozar, chamar nomes) (Monks et al., 2009) e isolamento social/exclusão (Lagerspetz, Bjorkqvist, & Peltonen, 1988), no qual a pessoa se sente deliberadamente ignorada. Monks e colaboradores (2009) fizeram uma revisão da literatura olhando para a natureza, extensão, características e impacto do *bullying* nas escolas, entre irmãos (Duncan, em 1999, foi um dos primeiros autores a referir-se ao fenómeno do *bullying* em contexto fraternal), em instituições que acolhem crianças, nas prisões e nos locais de trabalho. Para os autores, quando falamos de violência entre irmãos referimo-nos a *bullying* porque os irmãos raramente são iguais em termos de idade, tamanho e força física ou psicológica, pelo que um irmão tem a capacidade de abusar do outro; outro aspeto a considerar é que na infância, e grande parte da adolescência, os irmãos passam muito tempo juntos, muitas vezes na ausência de um adulto, o que fornece oportunidades para a sua ocorrência.

Em suma, a existência de diversos conceitos em torno do mesmo fenômeno tem dificultado o seu reconhecimento, embora assistamos hoje, e de forma gradual, a uma maior consciencialização e a um despertar de consciências sobre esta problemática.

Prevalência

Os primeiros estudos que dão conta da elevada prevalência da violência entre irmãos datam dos finais da década de setenta do século passado (Steinmetz, 1977; Straus, Gelles, & Steinmetz, 1980). Estudos posteriores dão também conta da elevada prevalência deste fenômeno (e.g., Goodwin & Roscoe, 1990; Roscoe, Goodwin, & Kennedy, 1987; Simonelli, Mullis, Elliot, & Pierce, 2002). Finkelhor e Dziuba-Leatherman (1994) defendem que a violência contra irmãos deveria ser agrupada numa categoria de vitimização de crianças que designaram de “pandémica”, devido à sua frequência na nossa sociedade. Goodwin e Roscoe (1990), numa amostra de 272 jovens de um liceu, constataram que 65% das raparigas e 64% dos rapazes disseram que foram perpetradores de qualquer forma de violência fraterna e 64% das raparigas e 66% dos rapazes vítimas de violência fraterna. A forma menos perigosa de violência era a mais comum, mas 3.4% destes entrevistados verbalizaram terem sido ameaçados com uma faca ou arma e 2.6% verbalizaram terem ameaçado um irmão/ã com uma faca. Já em 2010, Hardy, Beers, Burgess e Taylor, numa amostra constituída por 506 estudantes universitários, verificaram que a maioria dos participantes (76.6% do sexo masculino e 77.5% do sexo feminino) relataram terem sido vítimas e perpetradores de, pelo menos, um ato de violência verbal ou física para com um irmão/irmã durante a infância.

Na Europa, os poucos estudos realizados dão também conta de uma elevada prevalência. Por exemplo, no estudo efetuado por Khan e Cooke (2008), junto de jovens sob a tutela do sistema criminal escocês ou aos cuidados de instituições, aproximadamente 90% (89.2%) dos sujeitos com idades compreendidas entre os 11 e os 19 anos verbalizaram terem intencionalmente perpetrado um ou mais atos de violência física severa contra os seus irmãos, enquanto viviam com eles.

Tipos de violência

À semelhança do que acontece noutras formas de violência, sobretudo em contexto familiar, são três os tipos de violência entre irmãos que ocorrem de um modo mais prevalente: a física, a psicológica e o abuso sexual. Recentemente, a violência relacional tem merecido alguma atenção.

A Violência Física. Pode considerar-se que estamos na presença deste tipo de violência quando um membro da díade, não acidentalmente, causa ferimentos físicos, danos ou morte de um irmão ou irmã (Caffaro & Conn-Caffaro, 1998). A violência física envolve um leque de comportamentos variado como empurrar, bater, dar pontapés, usar armas para provocar ferimentos físicos (Goodwin & Roscoe, 1990), dar palmadas, morder, puxar o cabelo, arranhar e beliscar (Wiehe, 1998). Existem ainda formas de brincar (e.g., brincar com almofadas e abafar o irmão ao ponto deste ficar incapacitado de respirar) que podem conduzir a consequências negativas, podendo mesmo resultar em lesões (Wiehe, 1998). Contudo, torna-se importante nunca ignorar o contexto em que ocorrem e qual a sua periodicidade.

As formas de violência física mais severas entre irmãos incluem, nomeadamente, o uso de vassouras, mangueiras, cabides, escovas de cabelo, cintos, facas, lâminas de barbear, de forma a causar ferimentos e dor (Wiehe, 2002), e queimaduras, membros fraturados e perfurações que exigem cuidados de profissionais de saúde (Khan & Cooke, 2008).

A Violência Psicológica. Esta forma de violência em contexto fraternal é uma das mais comuns mas também subidentificada (Whipple & Finton, 1995), sendo talvez por isso a categoria de abuso mais difícil de definir neste contexto (Kiselica & Morrill-Richards, 2007). Pode ser definida incluindo: a negligência, a realização de comentários com o objetivo de ridicularizar, ameaçar, aterrorizar, depreciar, rejeitar, degradar ou explorar e destruir a propriedade pessoal de um irmão (Caffaro & Conn-Caffaro, 1998), exacerbar o medo (Wiehe, 1997), provocar e gozar (Soanes, 2003). Esta forma de violência parece ser ainda potencialmente mais prevalente e destrutiva do que outras, apesar de frequentemente acompanhar e preceder a violência física e/ou sexual (Claussen & Crittenden, 1991) e de ser difícil de comprovar pela ausência de evidências físicas (Wiehe, 2002).

Se detetar a violência psicológica é uma tarefa difícil, detetá-la em irmãos torna-se ainda mais complexo, pelo facto dos profissionais e pais tenderem a aceitar este tipo de comportamento abusivo como um fenómeno que ocorre com todas as crianças quando elas interagem com os seus irmãos (Caffaro & Conn-Caffaro, 1998), dificultando a determinação da sua prevalência (Rosenthal & Doherty, 1984). Este comportamento é simplesmente desculpado e visto como rivalidade fraterna e, como tal, interiorizado pelas vítimas.

O Abuso Sexual. No que concerne aos comportamentos sexuais, em especial, parece não haver critérios universais que permitam distinguir o contacto sexual abusivo de um comportamento sexual considerado

normal. Por exemplo, para Carter e Dalen (1998) só a existência de, pelo menos, cinco anos de diferença entre os irmãos ou de força por parte do irmão perpetrador permitem falar de um comportamento abusivo. Mas as definições variam em função da idade, tipo de comportamento, motivação e consentimento (Carlson, Maciol, & Schneider, 2006). Também Canavan, Meyer, e Higgs (1992) consideram que o abuso se distingue da simples exploração sexual quando estamos na presença de segredo forçado e existe diferença de poder entre os irmãos.

O abuso sexual por irmãos inclui referências sexuais não desejadas em conversas, fotografias pornográficas ou exposição à pornografia, contacto sexual inapropriado como o tocar, fazer carícias, exposição indecente, masturbação, tentativa de penetração, relações sexuais, violação e sodomia entre irmãos (Adler & Shutz, 1995; Canavan et al., 1992).

Diversos investigadores reconhecem que o incesto entre irmãos é comum (Cole, 1982; Finkelhor, 1979). No entanto, apesar da acumulação de numerosas evidências do incesto entre irmãos (e.g., Carlson et al., 2006; Finkelhor, 1997) e dos seus efeitos nefastos (Laviola, 1992), a sociedade continua a ignorar ou minimizar as suas consequências para as vítimas e suas famílias. Para esta falta de atenção podem ser apresentados alguns fatores: a relutância das famílias em relatar às autoridades a ocorrência do incesto entre irmãos (Adler & Shutz, 1995), a minimização do problema pelos pais, a ameaça sob a qual as vítimas são colocadas quando o abuso ocorre e a percepção de que o contacto sexual entre os irmãos se encontra dentro dos valores normais de aceitação da brincadeira sexual ou exploração entre irmãos (Abrahams & Hoey, 1994; Finkelhor, 1980), não sendo os detalhes desta curiosidade totalmente compreendidos (Mc Veigh, 2003).

No entender de Cole (1982), mesmo na presença de reduzida diferença de idades ou quando os sujeitos verbalizam a experiência como positiva, o incesto entre irmãos não é benigno. A este respeito, Mc Veigh (2003) acrescenta que, apesar da diferença de idades poder ser relevante, a idade por si só não é um bom indicador quando se avaliam os comportamentos sexuais, uma vez que pode ocorrer manipulação e coerção entre irmãos da mesma idade. Krienert e Walsh (2011b) referiram recentemente a necessidade de expandir critérios de definição relacionados com a idade e com o género, de forma a melhor informar na avaliação do risco e prevenção.

A Violência Relacional. Alguns autores (Ostrov, Crick, & Stauffacher, 2006; Updegraff, Thayer, White-man, Denning, & McHale, 2005) têm dedicado atenção ao estudo deste tipo de violência entre os irmãos. Segundo Caspi (2012) é um tipo de agressão frequen-

temente apelidado de agressão social ou indireta, na medida em que frequentemente a vítima nem sabe das ações do agressor (e.g., ridicularizar perante os pares).

Fatores de risco

A revisão bibliográfica refere um conjunto de fatores de risco que ajudam a explicar a ocorrência de violência entre irmãos. Serão aqui abordados aspetos relativos às características da vítima, do perpetrador, do meio familiar e do contexto social e cultural.

Características da vítima e do perpetrador. A idade parece ser o fator mais consistente enquanto preditor da violência entre irmãos (Button & Gealt, 2010; Erikson & Jensen, 2006), influenciando as motivações e a severidade da violência (Kiselica & Morrill-Richards, 2007). Crianças com menos de 8 anos tendem a usar a violência física para resolver os conflitos, enquanto adolescentes com idades entre os 9 e os 13 anos utilizam a violência física para definir fronteiras físicas, e adolescentes com mais de 14 anos utilizam a violência física para lidar com conflitos sobre a responsabilidade e as obrigações sociais (Kiselica & Morrill-Richards, 2007). Pensa-se que a violência entre irmãos atinge o seu pico quando o irmão mais velho tem entre 10 e 14 anos (Straus et al., 1980), ocorrendo um declínio da violência depois dessa idade, em resultando de melhores competências de comunicação e, conseqüentemente, de uma diminuição da necessidade da violência para resolver os conflitos (Noland, Liller, Mcdermott, Coutler, & Seraphine, 2004), bem como do facto dos adolescentes que estão em níveis desenvolvimentais e sociais diferentes dos irmãos (Bank, 1992) passarem mais tempo fora de casa. Contudo, a investigação é ainda pouco clara, sobre se existe ou não um aumento dos conflitos à medida que as crianças crescem.

Quanto às diferenças de idade, Noland e colaboradores (2004) constataram que os irmãos experienciam mais violência quando os irmãos são próximos em idade. Talvez, e como sugere Bank (1992), porque têm de partilhar mais o mesmo território: o quarto (ou até a mesma cama, em famílias com poucos recursos económicos), o quarto de banho, os mesmos brinquedos, os mesmos interesses e a mesma escola. Contudo Caspi (2012) afirmou recentemente que a violência parece estar mais presente em díades cuja diferença de idade é maior.

Relativamente ao género, os resultados são inconsistentes (Button & Gealt, 2010). Gelles (1997) considera que, e apesar de crianças de todas as idades e de ambos os sexos se envolverem em atos de violência contra irmãs e irmãos, existem algumas diferenças para quem a violência é dirigida. Existe a crença, na nossa sociedade, de que os rapazes são fisicamente mais agressivos

e de que as raparigas são verbalmente mais agressivas. Eriksen e Jensen (2006) verificaram que os rapazes têm uma maior tendência para exercerem violência sobre irmãos, sobretudo nas interações com irmãos (ou irmãs) mais novos. Uma das explicações para o facto de os rapazes serem mais perpetradores de violência foi sugerida por Leder (1993), que refere que a sociedade de género cria expectativas e um papel demasiado rígido aos rapazes, pelo que estes devem ser mais agressivos e mais competitivos que as raparigas. Apesar da investigação sobre violência contra irmãos tender a apoiar a crença de que a violência entre irmãos é iniciada pelos rapazes (e.g., Krienert & Walsh, 2011a), alguns estudos não evidenciam diferenças significativas de género na perpetração da violência (Duncan, 1999; Felson, 1983; Hardy et al., 2010; Straus et al., 1980).

O *irmão perpetrador* é muitas vezes caracterizado como tendo sido vítima de abuso parental ou negligência, sendo geralmente o mais velho e substituto parental (Wiehe, 1997). Este irmão muitas vezes retalia contra um irmão percebido como favorito e atua como mecanismo de libertação da raiva (Green, 1984). Recorre frequentemente à violência como forma de exibir poder, em resposta ao facto deles próprios terem sido vitimizados por um irmão mais velho ou alguém fora da família (Whipple & Finton, 1995). Os perpetradores tendem a ser igualmente vítimas e arquitetos do controlo coercivo (Patterson, 1982). Quanto ao *irmão vítima* parece existir uma diferença desenvolvimental (física ou intelectual) em relação ao perpetrador (Caffaro & Conn-Caffaro, 1998), e ausência de relações de apoio (Wiehe, 1997).

Características do meio familiar. Os estudos apontam fatores capazes de gerar tensão como a monoparentalidade (Hetherington, 1988), o caos em que vivem certas famílias (Kiselica & Morrill-Richards, 2007), a instabilidade financeira, a discórdia conjugal, o consumo de drogas ou álcool, a existência de perturbações psicopatológicas nos pais (Wiehe, 2002), o stresse familiar (Hardy, 2001), o divórcio (Hetherington, 1989; Poortman & Voorpostel, 2009) que parecem contribuir para a ocorrência e manutenção da violência entre irmãos. De igual forma, o conflito entre irmãos está positivamente associado a conflitos conjugais (Furman, 1995), nomeadamente violência sobre mulheres e crianças (Eriksen & Jensen, 2006; Hotaling, Straus, & Lincoln, 1990). Mais recentemente, Hoffman, Kiecolt e Edwards (2005) verificaram que testemunhar os pais a discutir e envolver-se em discussões verbais entre si e com os filhos, está relacionado com elevados níveis de violência entre irmãos. Grande parte destes pais apresentam sérios problemas ao nível das competências a modelar ou da utilização de soluções efetivas para resolução dos problemas de comportamentos (Caffaro

& Conn-Caffaro, 1998), aspetos que poderão ser aprendidos pelos seus filhos. A ausência de disponibilidade e a falta de supervisão parental estão frequentemente implicadas na ocorrência da violência entre irmãos (Whipple & Finton, 1995). Esta falha de supervisão parental, frequentemente substituída por irmãos mais velhos, nos quais os irmãos mais novos procuram apoio ou validação, aumenta o risco de desenvolvimento de relações incestuosas entre irmãos (Ascherman & Safier, 1990; Daie, Wiltum, & Eleff, 1989). Segundo Bank e Kahn (1997) os pais pouco efetivos podem ser organizados em dois grupos: aqueles que evitam os conflitos e aqueles que os ampliam. Os primeiros negociam pelos filhos, dificultando o desenvolvimento de competências que eventualmente lhes permitiriam alcançar as suas próprias soluções. Os segundos encorajam o conflito, mostrando dificuldade em respeitar as fronteiras dos conflitos entre irmãos, ignorando ou negando qualquer agressão que ocorre em casa.

O tratamento dado pelos pais a cada um dos seus filhos foi também objeto de estudo enquanto potencial causa para o emergir da violência entre os irmãos. Por vezes as crianças vivem em meios competitivos, isto é, membros da família que julgam, avaliam e comparam umas crianças com as outras. É também frequente a criação de dicotomias, a atribuição de papéis, em que a uma criança é atribuído o papel da “criança má” e ser tratada de forma diferente do irmão “a criança boa” (Furman, 1995), ou os pais descreverem um filho como sendo “o mais esperto” e o outro como sendo “o menos esperto” (Dunn & Plumin, 1991). Esta identificação aumenta a competição entre os irmãos, que tendem a comparar os objetivos, competências e desejos de cada um. Quando a natureza competitiva dos irmãos é severa, as crianças podem tornar-se abusivas para obter o controlo desses recursos.

O tratamento parental diferenciado, quer materno (Bryant & Crockenberg, 1980) quer paterno (Brody, Stoneman, & Gauger, 1996) parece estar relacionado com posteriores conflitos entre irmãos.

A ausência de fronteiras claras entre os membros da família (Minuchin, 1982), inclusivamente entre os irmãos parece conduzir à violência, sendo que a disfunção na família ocorre sempre que os limites são demasiado rígidos ou demasiado difusos.

Para além dos fatores de risco anteriormente referidos, parecem existir alguns fatores específicos para a ocorrência do abuso sexual perpetrado por irmãos. O adulto, ao modelar o comportamento sexual e atitudes sexuais inapropriadas, contribui para criar o contexto propício à ocorrência do abuso sexual (Caffaro & Conn-Caffaro, 1998). Em alguns estudos (e.g., De Jong, 1989; Smith & Israel, 1987) constatou-se que os filhos tinham sido abusados sexualmente pelos

pais, antes de se tornarem vítimas dos seus próprios irmãos. Também Smith e Israel (1987) verificaram que as mães, num terço das famílias estudadas, não só não estimulavam a sexualidade como eram demasiado rígidas e puritanas sobre as matérias sexuais. O medo de culpabilização e a vergonha, muitas vezes, afastam os sobreviventes de mencionarem que foram vítimas de abuso (O'Brien, 1989).

Em síntese, a indisponibilidade dos pais – que pode tomar várias formas, desde a ausência física, doença física ou mental, à existência de conflito interpessoal com a criança (Bryant, 1992) – parece contribuir fortemente para a ocorrência de violência entre irmãos.

Características do contexto social e cultural. Apesar da violência entre irmãos ser altamente prevalente, conforme já referido anteriormente, alguns pais, professores e a sociedade em geral, aceitam-na e desculpam-na, por considerarem tal comportamento como rivalidade e, como tal, normal (McHale & Gamble, 1987; Phillips, Phillips, Grupp, & Trigg, 2009). Para Kettrey e Emery (2006) a inexistência de investigação diretamente dirigida à existência destes discursos, ou linguagem coletiva, sobre este tipo de violência contribui para que indivíduos que a experienciam possam ignorar a realidade das suas experiências. Esta tolerância face ao abuso pode ter resultados devastadores, quer para vítimas quer para perpetradores (Kiselica & Morrill-Richards, 2007), embora seja essa tolerância social que também facilita a sua emergência e manutenção.

Consequências da violência entre irmãos

Qualquer forma de violência, quer tenha sido perpetrada por adultos quer por crianças, parece deixar marcas devastadoras, a curto e a longo prazo, em diversos níveis. Assim, vítimas de violência por irmãos parecem envolver-se frequentemente em comportamentos delinquentes (Criss & Shaw, 2005; Liu & Chao, 2005), *bullying* a pares (Duncan, 1999), evidenciar baixa autoestima (Graham-Bermann & Cutler, 1994; Laviola, 1992), depressão (Graham-Bermann & Cutler, 1994; Wiehe, 2002), elevados níveis de ansiedade (Mackey et al., 2010). A longo prazo estas vítimas poderão vir a reproduzir estes comportamentos com os cônjuges e mesmo com os próprios filhos (Green, 1984), a revelarem dificuldades de relacionamento com o sexo oposto (Daie et al., 1989; Noland et al., 2004; Simonelli et al., 2002), ou com qualquer pessoa independentemente do sexo (Laviola, 1992; Wiehe, 1997).

Quanto ao abuso sexual, porque grande parte permanece sem ser denunciado às autoridades, é difícil avaliar o seu impacto a curto e a longo prazo (Krienert & Walsh, 2011b). Contudo, os efeitos parecem diferir em função das várias etapas desenvolvimentais. Na

avaliação do impacto do abuso sexual é necessário ter em consideração que as experiências que são traumáticas para um adulto podem não ser percebidas da mesma forma por uma criança. Os efeitos do incesto são exacerbados quando o mesmo decorre durante vários anos, envolve ameaça física (Canavan et al., 1992; Daie et al., 1989) e existe elevada diferença de idade entre os irmãos (Green, 1984). São várias as possíveis consequências, a curto e a longo prazo, do abuso sexual perpetrado por um irmão, nomeadamente, auto-culpabilização pelo abuso sexual (Wiehe, 1998), ocorrência de ataques de ansiedade e *flashbacks* (Kashani, Daniel, Dandoy, & Holcomb, 1992), tristeza, um padrão de sono irregular, ansiedade de separação, mau-humor e verbalização de sentimentos de abandono (Rosenthal & Doherty, 1984) e dificuldades de relacionamento (Daie et al., 1989). Rudd e Herzeberger (1999) consideram que as características e consequências do incesto irmão-irmã são tão sérias como aquelas que ocorrem no incesto pai-filha.

Conclusão

O relacionamento entre os irmãos é dos mais duradouros, senão o mais duradouro, sendo de extrema importância ao longo da vida de um indivíduo. Contudo, tem sido dos relacionamentos cujo estudo tem sido mais negligenciado, nomeadamente no que concerne ao estudo e compreensão da violência. Apesar da dificuldade em aceitar e (re)conhecer este fenómeno, a violência entre irmãos parece ser a forma mais comum de violência no seio familiar. Vários fatores de risco de ordem individual (quer da vítima quer do perpetrador), familiar e contextual parecem contribuir para a sua ocorrência e manutenção. A elevada frequência com que ocorrem os comportamentos abusivos e o seu impacto negativo, a curto e a longo prazo, nomeadamente a nível emocional, comportamental e relacional permitem afirmar que trata de uma realidade que carece de mais atenção.

Referências

- Abrahams, J., & Hoey, H. (1994). Sibling incest in a clergy family: A case study. *Child Abuse & Neglect*, 18(12), 1029-1035. doi:10.1016/0145-2134(94)90128-7
- Academia das Ciências de Lisboa (2001). *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (Vol. 2). Lisboa: Editorial Verbo.
- Adler, N. A., & Schutz, J. (1995). Sibling incest offenders. *Child Abuse & Neglect*, 19, 811-819. doi:10.1016/0145-2134(95)00040-F
- Alarcão, M. (2000). *(Des)Equilíbrios familiares*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Ascherman, L., & Safier, E. (1990). Sibling incest: A consequence of individual and family dysfunction. *Bulletin of the Menninger Clinic*, 3, 311-321.

- Autotte, P. A., Deangelis, C., & Howard, B. J. (1984). Developmental behavior problems. In C. DeAngelis (Ed.), *Pediatric Primary Care* (pp. 435-57). Boston: Little, Brown and Company.
- Bank, S. (1992). Remembering and reinterpreting sibling bond. In F. Boer, & J. Dunn (Eds.), *Children's sibling relationships: Developmental and clinical issues* (pp. 139-151). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Bank, S. P., & Kahn, M. D. (1997). *The sibling bond* (15th anniversary ed.). New York: Basic Books.
- Bryant, B. (1992). Sibling caretaking: Providing emotional support during middle childhood. In F. Boer, & J. Dunn (Eds.), *Children's sibling relationships: Developmental and clinical issues* (pp. 55-69). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Bryant, B. K., & Crockenberg, S. (1980). Correlates and dimensions of prosocial behavior: A study of female siblings with their mothers. *Child Development*, *51*(2), 529-544. doi:10.2307/1129288
- Brody, G. H., Stoneman, Z., & Gauger, K. (1996). Parent-child relationships, family problem-solving behavior, and sibling relationship quality: The moderating role of sibling temperaments. *Child Development*, *67*(3), 1289-1300. doi:10.2307/1131893
- Button, D. M., & Gealt, R. (2010). High risk among victims of sibling violence. *Journal of Family Violence*, *25*(2), 131-140. doi:10.1007/s10896-009-9276-x
- Caffaro, J. V., & Conn-Caffaro, A. (1998). *Sibling abuse trauma: Assessment and intervention strategies for children, families, and adults*. New York: Haworth Press, Inc.
- Canavan, M. M., Meyer, W. J., & Higgs, D. C. (1992). The female experience of sibling incest. *Journal of Marital and Family Therapy*, *18*(2), 129-142.
- Caspi, J. (2012). *Sibling aggression: Assessment and treatment*. New York: Springer Publishing Company.
- Carlson, B. E., Maciol, K., & Schneider, J. (2006). Sibling incest: Reports from forty-one survivors. *Journal of Child Sexual Abuse*, *15*(4), 19-34. doi:10.1300/J070v15n04_02
- Carter, G. S., & Dalen, A. V. (1998). Sibling incest: Time limited group as an assessment and treatment planning tool. *Journal of Child and Adolescent Group Therapy*, *8*(2), 45-54. doi:10.1023/A:1022925427087
- Claussen, A. H., & Crittenden, P. M. (1991). Physical and psychological maltreatment: Relations among types of maltreatment. *Child Abuse & Neglect*, *15*, 5-18. doi:10.1016/0145-2134(91)90085-R
- Cole, E. (1982). Sibling incest: The myth of benign sibling incest. *Women and Therapy*, *1*(3), p. 79-89. doi:10.1300/J015V01N03_10
- Criss, M. M., & Shaw, D. S. (2005). Sibling relationships as contexts for sibling training in low-income families. *Journal of Family Psychology*, *19*(4), 592-600. doi:10.1037/0893-3200.19.4.592
- Daie, N., Wilztum, E., & Eleff, M. (1989). Long-term effects of sibling incest. *Journal of Clinical Psychiatry*, *50*(11), 428-31.
- De Jong, A. R. (1989). Sexual interactions among siblings and cousins: Experimentation or exploitation? *Child Abuse & Neglect*, *13*(2), 271-279. doi:10.1016/0145-2134(89)90014-8
- Dekeseredy, W. S., & Ellis, D. (1997). Sibling violence: A review of Canadian sociological research and suggestions for further empirical work. *Humanity and Society*, *21*(4), 397-411.
- Duncan, R. (1999). Peer and sibling aggression: An investigation of intra-and extra-familial bullying. *Journal of Interpersonal Violence*, *14*(8), 871-886. doi:10.1177/088626099014008005
- Dunn, J. (1983). Sibling relationships in early childhood. *Child Development*, *54*, 787-811. doi:10.2307/1129886
- Dunn, J., & Plomin, R. (1991). Why are siblings so different? The significance of differences in sibling experiences within the family. *Family Process*, *30*, 271-283. doi:10.1111/j.1545-5300.1991.00271.x
- Eriksen, S., & Jensen, V. (2006). All in the family? Family environment factors in sibling violence. *Journal of Family Violence*, *21*(8), 497-507. doi:10.1007/s10896-006-9048-9
- Eriksen, S., & Jensen, V. (2009). A push or a punch: Distinguishing the severity of sibling violence. *Journal of Interpersonal Violence*, *24*(1) 183-208. doi:10.1177/0886260508316298
- Farrington, D. P. (1993). Understanding and preventing bullying. In M. Tonny, & N. Morris (Eds.) *Crime and Justice* (Vol. 17, pp. 199-309). Chicago: University of Chicago Press.
- Felson, R. B. (1983). Aggression and violence between siblings. *Social Psychology Quarterly*, *46*(4), 271-285. doi:10.2307/3033715
- Fernandes, O. M. (2002). *Semelhanças e diferenças entre irmãos*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Finkelhor, D. (1979). *Sexually victimized children*. New York: The Free Press.
- Finkelhor, D. (1980). Sex among siblings: A survey of prevalence, variety, and effects. *Archives of Sexual Behavior*, *9*(3), 171-194. doi:10.1007/BF01542244
- Finkelhor, D. (1997). The victimization of children and youth: Developmental victimology. In R. C. Davis, A. J. Lurigio, & W. G. Skogan (Eds.), *Victims of crime* (pp. 86-107). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Finkelhor, D., & Dziuba-Leatherman, J. (1994). Victimization of children. *American Psychologist*, *49*(3), 173-183. doi:10.1037/0003-066X.49.3.173
- Furman, W. (1995). Parenting siblings. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting* (Vol. 1, pp. 143-162). Hillsdale, NJ, England: Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Garcia, M., Shaw, D., & Yaggi, K. (2000). Destructive sibling conflict and the development of conduct problems in young boys. *Developmental Psychology*, *36*(1), 44-53. doi:10.1037/0012-1649.36.1.44
- Gelles, R. J. (1997). *Intimate violence in families*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Goodwin, M. P., & Roscoe, B. (1990). Sibling violence and agnostic interactions among middle adolescents. *Adolescence*, *25*, 451-467.
- Graham-Bermann, S., & Cutler, S. (1994). The Brother-Sister Questionnaire (BSQ): Psychometric assessment and ability to predict well functioning and dysfunctional childhood sibling relationships. *Journal of Family Psychology*, *8*(2), 224-238. doi:10.1037/0893-3200.8.2.224
- Graham-Bermann, S., & Cutler, S., Litzenberger, B., & Schwartz, W. (1994). Perceived conflict and violence in childhood sibling relationships and later emotional adjustment. *Journal of Family Psychology*, *8*(1), 85-97. doi:10.1037/0893-3200.8.1.85
- Green, A. H. (1984). Child abuse by siblings. *Child Abuse & Neglect*, *8*(3), 311-317. doi:10.1016/0145-2134(84)90072-3
- Haskins, C. (2003). Treating sibling incest using a family systems approach. *Journal of Mental Health Counseling*, *25*, 337-350.
- Hardy, M. S. (2001). Physical aggression and sexual behavior among siblings: A retrospective study. *Journal of Family Violence*, *16*(3), 255-268. doi:10.1023/A:1011186215874
- Hardy, M. S., Beers, B., Burgess, C., & Taylor, A. (2010). Personal experience and perceived acceptability of sibling aggression. *Journal of Family Violence*, *25*(1), 65-71. doi:10.1007/s10896-009-9270-3
- Hetherington, E. M. (1988). Parents, children, and siblings: Six years after divorce. In R. A. Hinde, & J. Stevenson-Hinde (Eds.) *Relationships within families: Mutual influences* (pp. 311-331). New York: Oxford University Press.

- Hetherington, E. M. (1989). Coping with family transitions: Winners, losers, and survivors. *Child Development*, 60(1), 1-15. doi:10.2307/1131066
- Hoffman, K. I., Kiecolt, K. J., & Edwards, J. N. (2005). Physical violence between siblings: A theoretical and empirical analysis. *Journal of Family Issues*, 26(8), 1103-1130. doi:10.1177/0192513X05277809
- Hotaling, G. T., Straus, M. A., & Lincoln, A. J. (1990). Intrafamily violence and crime and violence outside the family. In M. S. Straus, & R. J. Gelles (Eds.), *Physical violence in American families: Risk factors and adaptations to violence in 8,145 families* (pp. 431-470). New Brunswick, NJ: Transaction.
- Kashani, J. H., Daniel, A. E., Dandoy, A. C., & Holcomb, W. R. (1992). Family violence: Impact on children. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, 31(2), 181-189. doi:10.1097/00004583-199203000-00001
- Kettrey, H., & Emery, E. (2006). The discourse of sibling abuse. *Journal of Family Violence*, 21(6), 407-416. doi:10.1007/s10896-006-9036-0
- Khan, R., & Cooke, D. J. (2008). Risk factors for severe inter-sibling violence: A preliminary study of a youth forensic Sample. *Journal of Interpersonal Violence*, 23, 1513-1530. doi:10.1177/0886260508314312
- Kiselica, M., & Morrill-Richards, M. (2007). Sibling maltreatment: The forgotten abuse. *Journal of Counseling & Development*, 85, 148-160.
- Krienert, J. L., & Walsh, J. A. (2011a). My brother's keeper: A contemporary examination of reported sibling violence using national level data, 2000-2005. *Journal of Family Violence*, 26(5), 331-342. doi: 10.1007/s10896-011-9367-3
- Krienert, J. L., & Walsh, J. A. (2011b). Sibling sexual abuse: An empirical analysis of offender, victim, and event characteristics in National Incident-Based Reporting System (NIBRS) data, 2000-2007. *Journal of Child Sexual Abuse*, 20, 353-72. doi:10.1080/10538712.2011.588190
- Lagerspetz, K. M. I., Bjorkqvist, K., & Peltonen, T. (1988). Is indirect aggression typical of females? Gender differences in aggressiveness in 11- to 12-year-old children. *Aggressive Behavior*, 14(6), 403-414. doi:10.1002/1098-2337(1988)14:6<403::AID-AB2480140602>3.0.CO;2-D
- Laviola, M. (1992). Effects of older brother - younger sister incest: A study of the dynamics of 17 cases. *Child Abuse & Neglect*, 16(3), 409-42. doi:10.1016/0145-2134(92)90050-2
- Leder, J. (1993). Adult sibling rivalry. *Psychology Today*, 26, 56-62.
- Leung, A. K., & Robson, W. L. (1991). Sibling rivalry. *Clinical Pediatrics*, 30(5), 314-317. doi:10.1177/000992289103000510
- Liu, Y., & Chao, H. (2005). The relationships between perceived systemic family violence and children's problematic behaviors. *Bulletin of Educational Psychology*, 37, 197-214.
- Mackey, A. M., & Fromuth, M. E., & Kelly, D. B. (2010). The association of sibling relationship and abuse with later psychological adjustment. *Journal of Interpersonal Violence*, 25(1), 955-968. doi:10.1037/0012-1649.25.1.36
- Martin, J. L., & Ross, H. S. (2005). Sibling aggression: Sex differences and parent's reactions. *International Journal of Behavioral Development*, 20, 129-138. doi:10.1080/01650250444000469
- McHale, S. M., & Gamble, W. C. (1987). Sibling relationships and adjustment of children with disabled brothers and sisters. *Journal of Children in Contemporary Society*, 19, 131-158.
- Mc Veigh, M. (2003). 'But she didn't say no': An exploration of sibling sexual abuse. *Australian Social Work*, 52(2), 116-126. doi:10.1046/j.0312-407X.2003.00062.x
- Minuchin, S. (1982). *Familias: Funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Monks, C. P., Smith, P. K., Naylor, P., Barter, C., Ireland, J. L., & Coyne, I. (2009). Bullying in different contexts: Commonalities, differences and the role of theory. *Aggression & Violent Behavior*, 14(2), 146-156. doi:10.1016/j.avb.2009.01.004
- Noland, V. J., Liller, K. D., Mcdermott, R. J., Coutler, M. L., & Seraphine, A. E. (2004). Is adolescent sibling violence a precursor to college dating violence? *American Journal of Health Behavior*, 28, 13-23.
- O' Brien, M. J. (1989). *Characteristics of male adolescent incest offenders*. Orwell, VT: Safer Society Press.
- Ostrov, J. M., Crick, N. R., & Stauffacher, K. (2006). Relational aggression, sibling and peer relationships during early childhood. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 27, 241-253. doi:10.1016/j.appdev.2006.02.005
- Patterson, G. R. (1982). *A social learning approach to family intervention: III*. Eugene, Oregon: Castalia.
- Phillips, D., Phillips, K. H., Grupp, K., & Trigg, L. (2009). Sibling violence silenced: Rivalry, competition, wrestling, playing, roughhousing, benign. *Advances in Nursing Science*, 32(2), 1-16.
- Poortman, A., & Voorpostel, M. (2009). Parental divorce and sibling relationships: A research note. *Journal of Family Issues*, 30(1), 74-91.
- Relva, I. C. (2005). Maus Tratos entre irmãos: Um estudo em alunos de Vila Real (Tese de mestrado não publicada). Universidade do Porto: Porto.
- Roscoe, B., Goodwin, M. P., & Kennedy, D. (1987). Sibling violence and agonistic interactions experienced by early adolescents. *Journal of Family Violence*, 2, 121-137. doi:10.1007/BF00977037
- Rosenthal, P. A., & Doherty, M. B. (1984). Serious sibling abuse by preschool children. *Journal of the American Academy of Child Psychiatry*, 23(2), 186-190. doi:10.1097/00004583-198403000-00010
- Rudd, J. M., & Herzberger, S. D. (1999). Brother-sister incest - Father-daughter incest: a comparison of characteristics and consequences. *Child Abuse & Neglect*, 23(9), 915-928. doi:10.1016/S0145-2134(99)00058-7
- Simonelli, C. J., Mullis, T., Elliot, A. N., & Pierce, T. W. (2002). Abuse by siblings and subsequent experiences of violence within the dating relationship. *Journal of Interpersonal Violence*, 17(2), 103-121. doi:10.1177/0886260502017002001
- Smith, H., & Israel, E. (1987). Sibling incest: A study of the dynamics of 25 cases. *Child Abuse & Neglect*, 11(1), 101-108. doi:10.1016/0145-2134(87)90038-X
- Soanes, C. (Ed.) (2003). *Oxford English Dictionary*. Oxford: Oxford University Press.
- Steinmetz, S. K. (1977). *The cycle of violence, assertive, aggressive, and abusive family interaction*. New York: Praeger.
- Straus, M. A., Gelles, R. J., & Steinmetz, S. K. (1980). *Behind closed doors. Violence in the American family*. Garden City: Anchor Books.
- Taylor, E. J. (1988). *Dorland's Illustrated Medical Dictionary* (27th Ed.). Philadelphia: W. B. Saunders Company.
- Updegraff, K. A., Thayer, S. M., Whiteman, S. D., Denning, D. J., & McHale, S. M. (2005). Relational aggression in adolescents' sibling relationships: Links to sibling and parent-adolescent relationship quality. *Family Relations*, 54(3), 373-385.
- Vandell, D. L., & Bailey, M. D. (1992). Conflicts between siblings. In C. U. Shantz, & W. W. Hartup (Eds.), *Conflict in child and adolescent development* (pp. 242-269). Cambridge: Cambridge University Press.
- Whipple, E. E., & Finton, S. E. (1995). Psychological maltreatment by siblings: An unrecognized form of abuse. *Child and Adolescent Social Work Journal*, 2, 135-146.

- Wiehe, V. R. (1997). *Sibling abuse: Hidden physical, emotional and sexual trauma* (2nd ed.). Thousand Oaks, CA.: Sage Publications.
- Wiehe, V. R. (1998). *Understanding family violence: Treating and preventing partner, child, sibling, and elder Abuse*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- Wiehe, V. R. (2002). *What parents need to know about sibling abuse*. Utah: Bonneville Books.

Received 06/25/2012

Accepted 02/27/2013

Inês Carvalho Relva. Universidade de Coimbra;
Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro,
Portugal.

Otilia Monteiro Fernandes. Universidade de
Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal

Madalena Alarcão. Universidade de Coimbra,
Portugal

